

PANOSTEÍTE ASSOCIADA À DISPLASIA DE COTOVELO EM CÃO: RELATO DE CASO

Maria Júlia Conrado Ferreira^{1*}, Andressa Aparecida Rodrigues Baião¹, Bruna Maia Rocha¹, Maria Vitória Azevedo Silva¹,
Rodrigo Brandão Oliveira¹, Adriano de Abreu Corteze², Paulo Vinícius Tertuliano Marinho³.

¹Discente no Curso de Medicina Veterinária – Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG – Belo Horizonte/MG – Brasil – *Contato: majuconradof@gmail.com

²Discente no Programa de Pós-Graduação em Ciência Animal – Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG – Belo Horizonte – Brasil

³Docente do Curso de Medicina Veterinária – Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG – Belo Horizonte/MG – Brasil

INTRODUÇÃO

A panosteíte é um aumento da atividade osteoblástica dos ossos longos, autolimitante e de origem e mecanismo desconhecidos, que tipicamente afeta cães jovens, machos e de grande porte¹. Cães acometidos apresentam claudicação, dor à palpação e radiografia com densidade e opacidade no canal medular². A displasia do cotovelo é ocasionada pela má formação das estruturas ósseas que compõem a articulação umerorradiulnar, levando a quatro lesões articulares que se iniciam durante o desenvolvimento do animal¹. Ambas são alterações ortopédicas significativas que podem gerar dor, desconforto, claudicação, dificuldade na deambulação e restrição de atividade física, sintomas clínicos que se manifestam de forma mais intensa principalmente quando essas alterações ocorrem de forma simultânea. Dessa forma, o objetivo deste trabalho foi descrever o caso de um cão, macho, da raça Chihuahua de 1 ano de idade, que foi diagnosticado com panosteíte e displasia do cotovelo no membro torácico direito.

RELATO DE CASO E DISCUSSÃO

Um cão, macho, da raça chihuahua, com 1 ano de idade, foi admitido em um Hospital Veterinário em Belo Horizonte, com histórico de claudicação no membro torácico direito. Na avaliação física, o animal demonstrou dor à palpação e nos exames de flexão e extensão da articulação umerorradiular. Sem histórico de lesões ou traumas e com aumento progressivo de claudicação e de dor. A partir disso, foi solicitado radiografia do membro afetado nas projeções craniocaudal e mediolateral com ênfase no cotovelo e posteriormente, tomografia computadorizada para estabelecer o diagnóstico do paciente e delimitar os próximos passos.

O paciente apresentava duas lesões condizentes com displasia de cotovelo, sendo elas, incongruência radioulnar, representada pelo degrau na incisura troclear (Figura 2) e fragmentação do processo coronóide (Figura 3). Além disso, os exames de imagem também confirmaram o diagnóstico de panosteíte (Figura 1). Para estabelecer tratamento, e por se tratarem de duas afecções diferentes e isoladas, o médico veterinário que conduziu o caso juntamente ao tutor optou por manejo de dor no primeiro momento, devido também à panosteíte ser uma afecção autolimitante e não necessitar de intervenção cirúrgica.

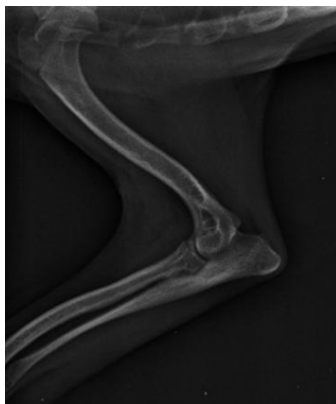


Figura 1: Imagem de Radiografia. Observa-se aumento da radiopacidade no canal medular na região do terço proximal da ulna (seta).
(Fonte: Arquivo pessoal, 2023).



Figura 2: Imagem de Tomografia Computadorizada. Degrau entre a incisura troclear da ulna e a superfície articular da cabeça do rádio (setas). (Fonte: Arquivo pessoal, 2023)

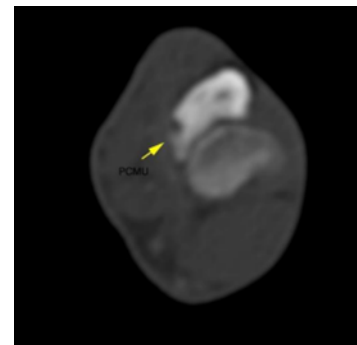


Figura 3: Imagem de Tomografia Computadorizada. Processo coronóide medial da ulna (PCMU) está em remodelamento, tem foco de hipodensidade e contornos irregulares. (seta)
(Fonte: Arquivo pessoal, 2023).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, o relato de caso em questão ilustra a complexidade das afecções ortopédicas, como a panosteíte e a displasia do cotovelo, que podem afetar significativamente a qualidade de vida dos animais. O diagnóstico preciso e a abordagem terapêutica adequada são essenciais para mitigar a dor e o desconforto que essas condições podem causar. No caso em questão, o tratamento adotado foi de abordagem sensata, levando em consideração a natureza autolimitante da panosteíte e as características específicas da displasia do cotovelo. A cooperação entre o médico veterinário e o tutor desempenhou um papel fundamental na gestão dessas condições, visando o bem-estar e a recuperação do paciente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

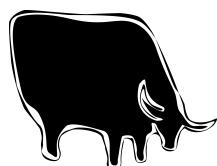
1. MINTO, B. W.; DIAS, L. G. G. *Tratado de Ortopedia de Cães e Gatos*. 1ª ed., MedVet, 2022. Volume II pág 951-959 e pág 1789-1790
2. SANTOS, V. F. F. et al. *Panosteíte em Canino da raça Pastor Alemão -Relato de Caso*. XXXIV Congresso de Iniciação Científica da UFLA. 2021.
3. PIERMATTEI, D.L., FLO, G. *Manual de Ortopedia e Tratamento das Fraturas de Pequenos Animais*, São Paulo: Manole, 1999.
4. PIERMATTEI, D.L., JOHNSON, K.A., *An Atlas of Surgical Approaches to the Bones and Joints of the Dog and Cat*. Philadelphia: Saunders, 2004.



XII Colóquio Técnico Científico de Saúde Única, Ciências Agrárias e Meio Ambiente

5. VAUGHAN, L.C., **Flexural deformity of the carpus in puppies.** **Journal of Small Animal Practice**, v.33, n.8, p.381-384, 1992.
6. JOHNSON, K.A., ALLAN, G.S. Panosteitis in a cocker spaniel dog. **Australian Veterinary Journal**, v58, n.4, p. 153-155, 2008.
7. DEMKO, J. ., MCLAUGHLIN, R. . Developmental orthopedic disease.. **Veterinary Clinics of North America: Small Animal Practice**, v. 35, n.5, p 1113-1115, 2005.
8. TÔRRES, Renato Cesar Sacchetto et. al. **Radiologia dos ossos e articulações de cães e gatos**, Cadernos Técnicos de Veterinária e Zootecnia, 2019 n° 93, 70 p. FEPMVZ Editora, Escola de Veterinária da UFMG e Conselho Regional de Medicina Veterinária e Zootecnia de Minas Gerais, Belo Horizonte - MG, 2019.

APOIO:



Escola de Veterinária
UFMG